



CONTRIBUIÇÕES DA HERMENÊUTICA LUTERANA PARA UMA TEOLOGIA GRAVITACIONAL¹

Contributions of Lutheran Hermeneutics to a Gravitational Theology

Wilhelm Sell²

RESUMO

A reflexão hermenêutica sempre se dá em torno de um texto. Para cristãos e cristãs a preocupação legítima é em como interpretar os textos das Escrituras Sagradas. Quais critérios, posturas, chaves de interpretação? Nesse caso, o ponto de partida sempre será decisivo para a chegada! Desde o início da cristandade houve diferentes ênfases na interpretação. Martinho Lutero gradativamente rompeu com o jeito medieval de interpretar as Escrituras, mas além disso, insere com maior ênfase uma leitura cristológica delas e de toda realidade. Nesse sentido, o intuito deste artigo é levantar algumas problemáticas em torno da tarefa hermenêutica teológica e perceber a contribuição da hermenêutica luterana cristocêntrica, que coloca Cristo no centro, partida e chegada, para a interpretação da Escritura e de toda realidade. Para isso, utilizar-se-á textos de Lutero, bem como reflexões já feitas sobre esse assunto por outros teólogos. Cristo é centro gravitacional

¹ Artigo recebido em 06 de novembro de 2017, e aprovado pelo Conselho Editorial em reunião realizada em 30 de março de 2018, com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Wilhelm Sell é Bacharel em Teologia pela FLT – Faculdade Luterana de Teologia, Mestre em Teologia pela Faculdades EST e doutorando em teologia pela Faculdades EST. É bolsista do CNPq e atua como Pastor da IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, em Palhoça/SC. E-mail: wilhelm.sell@luteranos.com.br.

necessário para todo empreendimento teológico. Com isso, empreende-se automaticamente uma crítica às teologias contextuais que flutuam, a partir da guinada antropológica do hegelianismo de esquerda, em torno do próprio ser humano. Intencionalmente o presente estudo é introdutório; visa ser simples e de fácil compreensão. E assim o é para ampliar seu leque de aproveitamento, visto que muito do acadêmico parece mais como muro com arame farpado que impede um grande número de pessoas terem acesso ao conhecimento. Para maior aprofundamento indica-se a leitura das obras referenciadas ao longo do texto.

Palavras-chave: Hermenêutica luterana. Lutero. Interpretação da Bíblia.

ABSTRACT

Hermeneutical reflection always takes place around a text. For Christians, a legitimate concern is in how to interpret the texts of the Holy Scriptures. What criteria, positions, interpretation keys? In this case, the starting point will always be decisive for the arrival! From the beginning of Christendom there were different emphases on interpretation. Martin Luther has gradually broken with the medieval way of interpreting the Scriptures, but in addition, inserts with greater emphasis a christological reading of them and of all reality. In this sense, the purpose of this article is to raise some problems around the theological hermeneutical task and to perceive the contribution of the Christological hermeneutics, which places Christ in the center, beginning and end, for the interpretation of Scripture and of all reality. For this, we will use texts of Luther, as well as reflections already made on this subject by other theologians. Christ is the gravitational center, necessary for every theological enterprise. With this, one automatically embarks on a critique of the contextual theology which, from the anthropological drift of left-wing Helegianism, floats around the human being himself. Intentionally the present study is introductory; aims to be simple and easy to understand. And so it is to expand its range of use, since much of the “academicês” seems more like a wall with barbed arrays that prevents a large number of people from having access to knowledge. For further study read the works referenced along text.

Keywords: Lutheran hermeneutics. Luther. Interpretation of the Bible.

1 INTRODUÇÃO À HERMENÊUTICA DE LUTERO

A leitura e interpretação das coisas faz parte da existência de qualquer pessoa. Não é preciso saber ler para interpretar uma cena, um fato, uma conversa, e, até mesmo, uma troca de olhares. Ler e interpretar é, por isso, tarefa que revela certa subjetividade. Não é difícil cair em equívocos, os quais, por sua vez, somente poderão ser percebidos diante da revelação daquilo que foi pretendido originalmente. Por exemplo: alguém falou algo. Quem ouviu fez uma interpretação própria do que foi falado. O ouvir é influenciado por diversos fatores pessoais e temporais. Por isso, para saber se o que foi dito é aquilo que foi compreendido é necessária uma volta à origem da palavra dita pelo seu anunciador. Somente ali se

poderá confirmar ou reformar a compreensão feita. Isso é hermenêutica da vida.

A Hermenêutica enquanto disciplina é o estudo da compreensão. Especificamente, na maioria das vezes, objetiva-se compreender o texto dado e lido. Compreender é tentar captar o sentido de determinado texto e o seu desdobrar enquanto significado que ele tem para aquele que o lê. Mas nem sempre se verifica uma estreita relação entre o sentido dado e o significado recebido. Tentar apreender o sentido significa interpretar algo que num primeiro momento está incompreendido.

Nesse sentido é obvio que a pergunta por aquele que interpreta é também tarefa hermenêutica. Este parte de pressupostos e condicionamentos na busca por entendimento daquilo que se põe a ler, estudar e compreender. A questão que permanece presente é quem vai decidir sobre a legitimidade de uma leitura, e caso positivo, a partir de qual padrão? Quem vai arbitrar entre a interpretação certa e a equivocada? Numa conversa é fácil e possível confirmar aquilo que alguém falou para ver se há correspondência fiel entre sentido dado e significado recebido. Na leitura de uma obra literária de um autor vivo é possível perguntar ou mesmo ler outros textos e obras para chegar a uma conclusão mais legítima e, até mesmo, mais atualizada deste. Mas o que fazer quando se lida com obras, textos, confissões e autores que estão no passado? E no contexto do objetivo pretendido no presente artigo, como lidar e interpretar então a coletânea de livros que compõem as Escrituras Sagradas? Como entender sua autoria e sua mensagem?

Na história da fé cristã, essas duas últimas perguntas sempre se fizeram presentes. Basicamente até a Reforma de Martinho Lutero, com o objetivo de satisfazê-las, havia a prática de quatro modelos de interpretação das Escrituras divididos em duas linhas: o sentido literal ou histórico de um lado, e o sentido espiritual e alegórico de outro. Este último sentido se desdobrava então em três possibilidades, a saber: o **sentido alegórico** - o qual interpretava forçando muitas passagens bíblicas com objetivos de justificação doutrinária; **sentido tropológico** ou **moral** - o qual interpretava as passagens com a finalidade de criar orientações éticas para a vida cristã; e o **sentido anagógico** - que interpretava os textos alegoricamente com a finalidade de indicar os fundamentos da esperança cristã e apontar para o cumprimento das promessas escatológicas³.

No entanto, Lutero rompe com a formatação hermenêutica da Idade

³ Para mais detalhes do apresentado até aqui sugiro as seguintes literaturas: McGRATH, Alistar. **Teologia Sistemática, histórica e filosófica**: uma introdução à fé cristã. São

Média e gradativamente⁴, passa a se concentrar mais no **sentido literal** dos textos. Era o **sentido dado** pelo Espírito Santo por meio dos escritores e relatores bíblicos, portanto, **intermediado**. Por essa razão, Lutero aceita a reivindicação humanista da necessidade de voltar às fontes e ao estudo das línguas originais. No entanto, diferente do humanismo, a autoridade das Escrituras não residia na sua antiguidade e eloquência, a fim de reproduzir experiências do Novo Testamento e valores morais, onde a doutrina tinha pouca importância, mas no fato de serem Palavra de Deus; é ela que joga luz tanto para a doutrina quanto para a realidade existencial⁵.

Tudo que facilitasse uma interpretação fidedigna ao **sentido dado**, pretendido e presente nas Escrituras, poderia ser utilizado. Disso se percebe que a ênfase dada por Lutero ao caráter interno do cânone não está desassociada da necessidade de dar a devida importância ao entendimento da sua **intermediação**. As Escrituras externamente são produtos históricos-temporais. Por isso, além da necessidade do estudo das línguas originais⁶, o reformador faz exegese histórico-crítica-gramatical, a partir dos ferramentais dispostos. É claro que durante a Reforma esse termo não aparece⁷; Lutero é anterior a época do Iluminismo e sua

Paulo: Shedd Publicações, 2005, p. 212-220; ALTMANN, Walter. **Lutero e Libertação**: releitura de Lutero em perspectiva latino-americana. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2016, p.128-132; WANKE, Roger Marcel. “As fraldas e a manjedoura na qual Cristo está deitado”: considerações sobre a hermenêutica veterotestamentária de Lutero. In: SCHWAMBACH, Claus; SPEHR, Christopher. **Reforma e Bíblia**: estudos sobre a compreensão protestante da Escritura Sagrada na história e na atualidade. São Bento do Sul: União Cristã, Faculdade Luterana de Teologia, 2016, p.11-38.

⁴ Como bem lembra WANKE, a Quadriga, os sentidos de interpretação acima citados, não foram completamente abandonados por Lutero, mas eram usados como auxílio na aplicação de Cristo como centro das Escrituras. WANKE, 2016, p. 25-30.

⁵ Há uma interessante abordagem sobre a influência do Renascimento e Humanismo no período da Reforma abordada por McGRATH em: McGRATH, Alistair. **A gênese da doutrina**: fundamentos da crítica doutrinária. São Paulo: Vida Nova, 2015, p.127-156.

⁶ “As línguas são a bainha nas quais está guardado esse cutelo do Espírito. São o cofre no qual se guarda esta jóia. São recipiente no qual se recolhe esta bebida. São a dispensa em que esta comida está guardada. E, como o próprio evangelho (Mt 14.20) mostra, são os cestos em que se conservam esses pães, peixes e sobras.” LUTERO, Martinho Apud: EBELING, Gerhard. **O pensamento de Lutero**: uma introdução. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1988, p. 22.

⁷ O termo aparece pela primeira vez com Johann Gottfried Eichborn, cientista bíblico da Universidade de Göttingen, em 1783. Cf. KORSCH, Dietrich. O centro das Escrituras. Uma sugestão de Martinho Lutero no contexto das interpretações modernas da Bíblia. In: SCHWAMBACH, SPEHR, 2016, p.108.

exegese não é marcada pela lógica da suspeita. Mas o uso dos instrumentais mostra o reformador para além do seu tempo. No entanto, o que permanece claro é que para ele “toda pesquisa histórica não atinge a profundidade da Bíblia. A pesquisa histórica não consegue abarcar o sagrado, o maravilhoso que nos atinge na palavra e ação do Deus vivo”⁸.

Assim, levando em conta a história da tradição interpretativa e os condicionamentos históricos do texto bíblico, Lutero considerava importante o aspecto mediador da letra ressaltando o cânone interno das escrituras – Cristo (essência) e seu evangelho (existência comunicativa do *Christus pro me*) – na sua relação existencial libertadora supra-histórica com a vida humana em seu contexto vivencial. Isso evidencia que a preocupação do reformador não se prendeu a avaliações doutrinárias, mas também aos desdobramentos da Palavra de Deus para toda a realidade existencial, portanto também política, econômica, social e, não por última, eclesial⁹. E isso nos coloca diante da relação entre a igreja romana, enquanto gerenciadora e cuidadora da interpretação bíblica e a liberdade hermenêutica de Lutero.

2 A TRADIÇÃO ECLESIAÍSTICA E A LIBERDADE HERMENÊUTICA

O exercício hermenêutico de Lutero era feito em liberdade evangélica. Estava claro que as Escrituras Sagradas continham, de maneira especial, a revelação de Deus na experiência de seu povo. E assim, mais do que uma modificação do modelo exegético, iniciou-se a libertação das Escrituras do que foi denominado como “cativeiro babilônico da igreja”, ou seja, da uniformidade doutrinal, do magistério, da tradição e toda a harmonização alegórica. As Escrituras são *norma normans* (norma normativa) da vida em todos seus estamentos¹⁰, o que faz com

⁸ Cf. Prefácio de Martin Dreher in: LUTERO, Martinho. **Obras Selecionadas**: Interpretação Bíblica. vol.8. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2003, p. 20.

⁹ Sobre a preocupação de Lutero para além da doutrina confira: HOFFMANN, Martin. **La locura de la Cruz**. La teología de Martín Lutero: textos originales e interpretaciones. San José, Costa Rica: Editorial DEI, 2014, p. 57ss. Nesse sentido é interessante o seguinte artigo: WACHHOLZ, Wilhelm. O ser humano cooperador com Deus: ética cristã a partir dos dois regimentos e três estamentos na teologia de Martim Lutero. In: **Estudos Teológicos**. São Leopoldo, v. 57, n.1, jan.-jun. 2017, p. 14-29.

¹⁰ Cf. WACHHOLZ, 2017, p. 14-29.

que a interpretação do **sentido dado** das Escrituras seja a principal tarefa de um teólogo. Já o **significado recebido** deve ser avaliado, confirmado ou reformado, sempre de novo pelas Escrituras.

Essa postura de Lutero foi questionada. A igreja da época entendia ser sua vocação guardar a verdadeira interpretação teológica das Escrituras. Por isso, Lutero foi lembrado que deveria reconhecer a autoridade da igreja e aceitar a interpretação disposta por ela. Exemplo disso foi a **Dieta de Worms** de 1521, onde sua retratação teológica, proveniente de sua liberdade hermenêutica, foi exigida. Ele negou se retratar. Somente o faria se comprovassem que seu **significado recebido** estivesse em desacordo com o **sentido dado** nas Escrituras Sagradas. Seu erro deveria ser provado por argumentos corretamente fundamentados e, se assim não fosse, ele estaria indo contra a própria consciência¹¹.

Interessante lembrar que na própria história da igreja não há uniformidade na compreensão de tradição. Desde o período anterior a Agostinho de Hipona, as Escrituras e a tradição eram fontes simultâneas de revelação, contudo a tradição da igreja não produzia e tinha posse de conhecimento revelatório exclusivo. Aliás, para ele, em matéria de disciplina, os concílios da igreja podem cometer equívocos e errar. As Escrituras têm primazia, mesmo que isso não contrastasse diretamente a autoridade da igreja. Esta última possuía a prioridade prática e instrumental em relação à interpretação das Escrituras. Havia uma distinção entre a **tradição divina**, preservada nas Escrituras, e a **tradição eclesiástica**, fruto da atuação da igreja. Esse conceito marca a compreensão da igreja até o início do século XVI¹².

A partir de então, a novidade era a existência de uma tradição oral, eclesiástica, complementar às Escrituras. Esta seria necessária para sua correta interpretação, pois elas estariam incompletas e obscuras. Esse conhecimento estaria alienado aos Apóstolos e seus sucessores por meio da tradição oral. A estes caberiam o depósito silencioso da doutrina cristã. Essa ideia resultou na afirmação de uma autoridade metafísica da igreja, fazendo com que a igreja arrogasse para si a capacidade de aprovar e/ou criar Escritura. Posteriormente essa compreensão é amenizada por meio de um acento com maior ênfase bíblico-exegética,

¹¹ WACHHOLZ, Wilhelm. **História e Teologia da Reforma**: introdução. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2010, p. 108ss.

¹² ASSOLARI, Ricardo. **A reinvenção da Tradição em Lutero**: contribuições a partir do pensamento de Lutero para a articulação da identidade luterana na alta modernidade. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: Faculdades EST, 2017, p.73ss.

continuando, porém, a ideia de que os doutores da igreja teriam um carisma especial na interpretação. Estes são os doutores a serviço do Papa e compõem assim o magistério eclesiástico.

A compreensão de Lutero encontra-se na esteira de Agostinho. No entanto, ele contrasta mais a distinção, não separação, da autoridade das Escrituras das tradições humanas. As Escrituras têm primazia. A tradição da igreja deveria constantemente se perguntar sobre a sintonia de seus posicionamentos com a palavra de Deus. Até 1518, por ocasião do colóquio de Augsburg, Lutero ainda aceitava os decretos papais como fonte secundária. Já em 1520, com a queima pública do Código Canônico, Lutero separa-se da compreensão de tradição corrente e rejeita a autoridade do Papa como o Intérprete das Escrituras¹³.

Isso não significa que o reformador tenha rejeitado a autoridade da igreja, pelo contrário, a igreja continua como único lugar onde as Escrituras podem ser interpretadas com propriedade. Desde o início ele percebeu o perigo do direito privado de interpretar as Escrituras. Este poderia levar a graves enganos e/ou ao ceticismo. Por isso, a chave hermenêutica não deveriam ser a pessoa, o contexto, ou seja, algo externo e outro do que a própria origem de toda palavra. Cristo, o Verbo Eterno, é o centro unificador, e toda leitura deve ser realizada a partir deste centro. Função da igreja é conduzir à essa leitura cristocêntrica. Onde isso não acontece a igreja traiu sua vocação. É na igreja que a Palavra de Deus se encontra como Palavra Viva e dinâmica. Assim, não há duas fontes da fé cristã, mas são duas as formas como ela alcança as pessoas em todos os tempos: as Escrituras e a *viva vox evangelii*. Essa compreensão se tornou importante no contexto da Reforma¹⁴.

Disso nota-se que Lutero não rejeita a tradição da igreja, mas somente a distingue das Escrituras, as quais têm primazia. No entanto, ela continua sendo importante e essencial na dinâmica do ser igreja e de sua vocação em primar por uma leitura cristológica. De maneira frequente, mas muito equivocada, entende-se que enquanto o catolicismo reverencia a tradição e Escrituras, de maneira igual o protestantismo não reconhece nenhum valor normativo da tradição. É preciso atentar para o fato de que o próprio cânone foi formado dentro da tradição teológica e eclesiástica¹⁵. Como Lutero lida com isso? Ao falar da relação entre Escrituras

¹³ ASSOLARI, 2017, p.82.

¹⁴ ASSOLARI, 2017, p.83.

¹⁵ WESTHELLE, Vitor. Igreja e Tradição: opções e obstruções ecumênicas. In: **Estudos**

e tradição da igreja, ele usa o exemplo de João Batista e Jesus Cristo: “Ainda que João Batista esteja situado cronologicamente antes de Jesus, ele não apontou para sua própria autoridade, mas para a de Jesus. Da mesma forma, ainda que a igreja tenha sido criada antes do cânone bíblico, cabe a ela apontar e submeter-se às Sagradas Escrituras”¹⁶.

3 AS ESCRITURAS COMO PALAVRA DE DEUS

Ao se entrar especificamente na questão das Escrituras enquanto Palavra de Deus, uma das primeiras questões que surge é como lidar com os seus textos. É literalmente palavra de Deus ou ela contém a Palavra de Deus? Ambas afirmações incorrem em alguns perigos. Na primeira, o Espírito encontra-se praticamente aprisionado à letra, quase de forma sacramental, onde a tarefa do intérprete é puramente espiritual no sentido de entender o agir e exprimir a fala de Deus por meio do texto. Na segunda, o impasse está na tentação de definir quais partes são ou não Palavra de Deus a partir das experiências pessoais e temporais, manipulando progressivamente aquilo que pela própria experiência em determinada situação vivencial o texto pode ou não dizer.

Por isso, Lutero apontava para a necessidade de uma postura respeitosa diante da Escritura como Palavra de Deus visando como objetivo último “o que promove a Cristo”; elemento ao qual sua consciência estava cativa. Não a letra, também não a criatura que interpreta, mas Cristo com seu ensino, vida e obra se tornam centrais e lançam luz para interpretação das Escrituras. Ele prosseguiu com o pressuposto da perspicácia das Escrituras para a aplicação de dois princípios revolucionários: (a) o sentido de uma passagem é um só (*sensus literalis unus est*); (b) a Escritura é sua própria intérprete (*scriptura sacra sui ipsius interpres*). Nessa direção, a autoridade e o conteúdo central das Escrituras estão na pessoa, no logos, no próprio Cristo. Por isso, somente a Escritura é capaz de decidir sobre verdade ou falsidade de uma doutrina. Nesse sentido, para Lutero não há lugar em que Jesus Cristo fale de modo mais claro e inequívoco às pessoas e à Igreja do que nas Escrituras. Na verdade, ela não precisa de intérprete, de alguém que lhe dê voz

Teológicos. São Leopoldo, v. 45. n. 2, jul.-dez./2005, p. 84.

¹⁶ WACHHOLZ, 2010, p. 109.

e sentido. As Escrituras se interpretam a si mesmas¹⁷.

Sabe-se que a grande ameaça na vida da igreja à autoridade das Escrituras era de que o espírito daqueles que interpretam estivessem regendo o espírito das Escrituras. Está claro que nenhuma pessoa é um recipiente vazio ao lê-las. Todos os intérpretes pensam de acordo com seu contexto vivencial carregando em seu bojo suas perguntas, anseios, dilemas, sentimentos, inclinações e percepções. No entanto, esse espírito próprio do intérprete deve estar submisso à autoridade do espírito das Escrituras, do contrário o intérprete somente encontra nelas aquilo que já sabe¹⁸. Já não é mais Deus quem fala, mas a criatura com seu **conhecimento do bem e do mal**.

É nesse sentido que Lutero afirma que todo mal começa em nome de Deus: “portanto, assim como a salvação vem da verdadeira Palavra de Deus, também a perdição provém da Palavra corrompida de Deus”¹⁹. A “palavra corrompida” não é só a palavra falada, mas também a convicção interna e opiniões que estão em desacordo com a Palavra de Deus. Aliás, para ele, a primeira dinâmica de tentação e queda se dá pela distorção da palavra de Deus que possibilita compreender Deus de modo diferente como Ele se apresentou na sua Palavra²⁰. Assim, a origem e a parte essencial de toda tentação é esta: que a razão procura decidir por conta própria, sem a Palavra (Cristo), sobre a Palavra de Deus e sobre o próprio Deus. Vive-se assim na desconfiança ao Criador.

Mas, na submissão ao espírito da Escritura, os horizontes se ampliam, as perspectivas se abrem e brota a chance de perceber a realidade vivencial em sua ótica: submeter-se ao senhorio do criador e doador de toda a vida. A tarefa da interpretação não é fácil: necessita ser feita em humildade de espírito, aliada a todo esforço intelectual e uso de diversas ferramentas exegéticas, e em oração, pedindo auxílio do Espírito Santo, para que a Escritura fale por si, revele sua

¹⁷ BRAKEMEIER, Gottfried. **A Autoridade da Bíblia: controvérsias, significado, fundamento**. São Leopoldo: Editora Sinodal, CEBI, 2003, p.40ss.

¹⁸ BRAKEMEIER, 2003, p.43.

¹⁹ LUTERO, Martinho. Comentário de Gênesis. In: **Obras Selecionadas**. Vol. 12. São Leopoldo: Sinodal, 2016, p.171.

²⁰ Para Lutero, a tentação de Satanás ao ser humano quando diz: “Deus sabe que vossos olhos se abrirão” é como que dissesse: “realmente Deus não quer que vivais nas trevas, sem conhecimento do bem e do mal. Ele é bom e não invejoso privando-vos de alguma coisa que de um ou de outro modo seja útil. Ele tolerará tranquilamente que lhe sejais semelhantes”. Ao louvar desta maneira, Satanás tem um punhal nas mãos. Cf. LUTERO, 2016, p.182.

centralidade e, a partir desta, sua mensagem. Nesse sentido, o intérprete tem a hermenêutica como ponto de partida, a finalidade de dialogar com a Escritura, sempre na perspectiva de criatura *coram deo*²¹, a fim de obter orientações que ajudem a responder questões que emergem no dia a dia, tanto em âmbito pessoal como social.

Por último, é oportuno ainda pensar a quem, na igreja, pertence a tarefa de interpretar as Escrituras. Como visto no ponto anterior, para Lutero a interpretação não pertence unicamente ao magistério eclesiástico, mas é da igreja como um todo; pois na experiência do povo, na vivência de sua espiritualidade diante dos conflitos que emergem da vida, que as perguntas surgem e as respostas repousam. A leitura das Escrituras é fonte de relacionamento com Deus e de conhecimento de Deus. A igreja, como um todo, relaciona-se por meio delas com Deus e tem conhecimento de Deus. É na leitura individual e comunitária das Escrituras que a **oração**, a **meditação** e a **tentação** se manifestam e conduzem o ser humano a Jesus Cristo, que é **alvo maior** desse relacionamento e desse conhecimento de Deus. Nesse sentido, a condução da própria igreja deve estar orientada pela Palavra de Deus e concomitante encontrar unanimidade no corpo desta. Isso se desdobra na compreensão de que a direção da igreja não tem autonomia de decisão sobre os rumos da igreja e suas proposições precisam encontrar respaldo e sintonia na experiência e conhecimento brotados nos membros de toda a igreja. A interpretação, para Lutero, se dá “num empenho comunitário e diversificado em torno da palavra bíblica, em que seu sentido se vai descortinando”²².

4 ESCRITURA QUE ME REVELA COMO PECADOR JUSTO E SANTIFICADO

A dinâmica pela qual as Escrituras atingem seu ouvinte é Lei e Evangelho. A lei tem seu agir em dois usos: Político, no auxílio e avaliação da regulamentação da vida; Pedagógico, na confrontação da realidade pecadora humana, apontando sua insuficiência e incapacidade, constringendo ao revelar a vontade de Deus. Também se fala de um terceiro uso, o uso moral, que se resume em deveres que garantem e moldam a vida de fé; que acabam configurando um jeito santo

²¹ Cf. EBELING, 1988, p. 189.

²² ALTMANN, 1994, p.105.

de viver. Compreende-se que o terceiro uso da lei revela uma falsa separação entre a justificação e a santificação. Enquanto a lei acusa, o Evangelho acolhe em Cristo, no seu amor e na sua obra, tornando o ser humano justo e santo. É a troca graciosa! O Justo e Santo se faz pecador, para que o pecador se torne justo e santo. Tanto justiça como santidade são realidades dinâmicas imputadas. Nenhum ser humano poderá encontrar perfeição ou cumprimento em si mesmo, mas naquilo que Cristo realiza. No entanto, isso não permite que a justificação e santificação se desdobrem numa passividade ética e descompromisso missional, barateando assim a graça e evitando o discipulado de Cristo. Aliás, a teologia da cruz, distingue-se de uma teologia da glória por justamente arrancar a pessoa de seu estado somente contemplativo e passivo empurrando-a a uma decisão de fé, que é, de certa maneira, uma experiência sofredora²³.

O centro das Escrituras é o próprio Cristo. Ele não anula a lei, mas a cumpre. Importa salientar, no entanto, que o cumprimento da lei não a suprime, levando ao antinomianismo e/ou à graça barata. É dele, Cristo, que emana o verdadeiro amor que nos impulsiona à nova vida. Nessa dinâmica, os mandamentos servem como espelho para a vida, a partir dos quais se percebe aquilo que falta. As boas obras se dão como vivência do Cristo no pecador. A confiança não está nelas ou naquilo que se é, mas no Cristo e sua obra.

O ser humano é declarado justo, mas continua pecador, fazendo com que nem sempre haja uma correspondência plena e coerente entre o que ele foi tornado e aquilo que por ele é externado na prática diária. A realidade do crente permanece em sua ambiguidade existencial, levando-o à confissão e arrependimentos diários, ao discipulado, à busca do viver diariamente sob a Sua perspectiva (*coram deo*). Livre do dever, das necessidades, o Cristo e seu amor leva o crente a uma vida de boas obras, expressando assim louvor, gratidão e confiança, de criatura para seu criador. Essa é a novidade de vida em meio à contradição da vida. Nesse sentido, Lutero falando sobre o batismo diz:

Que significa este batizar com água? Significa que, por arrependimento diário, a velha pessoa em nós deve ser afogada e morrer com todos os pecados e maus desejos. E, por sua vez, deve sair e ressurgir diariamente nova pessoa, que viva em justiça e pureza diante de Deus para sempre²⁴.

²³ LOEWENICH, Walter von. **A Teologia da Cruz de Lutero**. São Leopoldo: Sinodal, 1988, p. 111.

²⁴ LUTERO, Martinho. **Catecismo maior com explicações**. Porto Alegre: Editora Con-

A dinâmica do morrer e ressurgir passa longe de qualquer tranquilidade ou conformismo com a própria situação vivencial; pelo contrário, é saber que a justificação não justifica o pecado e suas consequências na vida humana e de toda criação. Aliás, a imprópria tentativa configura realidade em contradição. Relembremos Lutero quando diz:

os pecadores sempre se acusam com suas desculpas e se traem com sua defesa, principalmente diante de Deus. [...] Adão quer cobrir seu pecado e se adornar. Ele diz que a causa da sua fuga não é o fato de ter pecado, mas que foge porque ouviu a voz de Deus, assustou-se com ela e se envergonhou porque estava nu²⁵.

O problema não é o pecado que habita, mas as circunstâncias que me oprimem e não me permitem viver em paz na própria nova-condição-configurada. Nesse sentido, a novidade de vida se dá marcada pela frase de Jesus Cristo quando diz: “quem quiser me seguir a si mesmo se negue, tome sua cruz e siga-me”²⁶. Ao tomar essa cruz, o cristão e a cruz de Cristo formam uma só unidade. Exclui-se a ideia de mérito da pessoa, como se ela pudesse pelo sofrimento alcançar a salvação, mas é simples sinal de que se está em comunhão com Cristo. Tomar “a cruz de Cristo outra coisa não é do que abandonar tudo e agarrar-se somente a Cristo pela fé do coração, ou seja: abandonar tudo e crer”²⁷. Assim, a cruz torna-se, segundo Lutero, sinal da filiação divina²⁸.

Para o crente, olhando a própria vida e a criação na perspectiva de Deus, sempre novamente ficará claro e denunciado a des-configuração que a realidade do pecado ocasionou e ocasiona. Podemos aqui falar de quebras relacionais entre eu-eu, eu-outro, eu-Deus em sua inter-relação, que, por sua vez criam e fecundam estruturas de opressão que geram a morte e destruição da criação²⁹. Por sua vez o Evangelho que o abraça, o liberta do desespero, ampara, consola, fortalece, restaura e o anima a viver. Além disso, conseguir ver a realidade pessoal e da criação pela perspectiva de Deus, o faz perceber que tudo está em Cristo, e, por

córdia, 2016, p.22.

²⁵ LUTERO, 2016, p.195.

²⁶ Evangelho segundo Mateus 16.16.

²⁷ Martinho Lutero apud von LOEWENICH, 1988, p.119.

²⁸ Von LOEWENICH, 1988, p.119.

²⁹ BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*. São Leopoldo: Sinodal, 2009, p.19.

isso, é alvo do amor de Deus. Ele passa a ver não somente a natureza como fonte de recursos, mas como boa criação que merece ser cuidada e bem administrada; passa a ver o trabalho não somente como meio de sustento próprio, mas como vocação e sua contribuição para a sociedade; faz com que olhe para suas relações e não as veja mais como meios de prazer e satisfação pessoal, mas como lugar de praticar o amor gratuito experimentado por Deus; faz com que olhe para Deus não mais com desconfiança e somente como meio de benefícios, sejam eles materiais, corporais ou espirituais, mas como criador reto, justo e amoroso que cuida e é solidário diante da contradição da vida; e assim, não por último, o faz enxergar Deus como justo, mas ao mesmo tempo, como aquele que dá esperança na pessoa de Cristo. As vendas caem dos olhos e com isso a objetivação do evangelho, da vida, do outro, do trabalho, das relações perdem suas forças e são vistas de nova maneira, o que gera novidade de vida, e por isso, **metanoia**.

5 JESUS CRISTO COMO CRITÉRIO HERMENÊUTICO

Toda a realidade está permeada de Deus e está em Cristo. Cristo não é somente chave hermenêutica para a leitura das Escrituras, mas ele o é por ser justamente a chave de leitura para toda a realidade. É dele que emana o amor divino de forma concreta e real. O conteúdo de Cristo é o amor, sendo ele por isso critério de todo amor. Por isso, também a fé se concretiza pelo amor (Gl 5.6). Enquanto Cristo é a chave hermenêutica de leitura da Escritura e da realidade, o amor que dele emana inspira as relações com o mundo, o estar-aí-para-o-outro, como diria Dietrich Bonhoeffer, objetiva aquilo que o promove. Por isso, como iremos perceber Cristo é chave hermenêutica e **o que promove a Cristo é o objetivo último da tarefa hermenêutica**. Uma está ligada a outra de forma tal que na ausência de uma as duas faltam.

A leitura de Lutero, e aqui pode-se lembrar também de Bonhoeffer³⁰, é primordialmente cristológica e feita a partir do movimento do ser igreja. Isso é perceptível na interpretação das Escrituras como um todo. Há uma unidade entre o Antigo e Novo Testamento que na sua interligação revela o mistério de Deus que culmina na pessoa de Jesus Cristo e se desdobra na vida da igreja pelo

³⁰ Cf. BONHOEFFER, Dietrich. **Dietrich Bonhoeffer Werke**. Vol. 3: Shöpfung und Fall. Munique: Kaiser Verlag, 1991.

agir do Espírito Santo. Claro que cada história, relato e bloco de passagens tem seu próprio núcleo central e *querigma*. No entanto, tudo culmina no Cristo, onde tudo desde o princípio e o fim encontram seu sentido. O Deus que se revela nas Escrituras é o Deus que vem ao encontro da sua criação, de todas as pessoas. Ele continua falando, se manifestando com sua voz para seu corpo, a igreja. Nesse falar, ouvir e entender acontece a interpretação. Logicamente essa palavra não precisa de sentido outorgado por aquele que ouve, mas seu sentido está dado pela seu prenunciador.

Diante do que foi dito até aqui, é importante frisar que Jesus não foi um literalista bíblico, pois não atribuiu à letra a autoridade última. Distinguiu entre a lei e a vontade de Deus. Isso se mostra, por exemplo, no texto sobre o divórcio em Mc 10.2s, onde revela que Moisés abre a concessão para separação devido à dureza do coração humano. A vontade de Deus é outra. Portanto, mais valor do que a escrita tem o espírito. Isso significa que quem quiser interpretar devidamente as escrituras deve perguntar pelo sentido original por trás das palavras³¹. Outro exemplo, no sermão do monte, quando Jesus amplia a compreensão de várias leis, fica claro que Jesus até mesmo corrige a lei, anulando, ou, por vezes, ampliando seu teor.

Conforme Jesus, o critério para tanto é o amor, no que ele viu a síntese da vontade de Deus. O texto não se presta a ser abusado como pretexto. Jesus Cristo pergunta pelo espírito da lei e das promessas de Deus, o que lhe permite ser crítico frente a própria Escritura e até mesmo opor-se a seus dizeres (...). Para Jesus o texto escrito é autoridade penúltima apenas. A autoridade última é o propósito de Deus.³²

Estando isso claro, na tentativa de definir Jesus Cristo como critério hermenêutico, é necessário atentar para o que seria uma leitura cristológica. Seria perceber Jesus como Sábio ou Deus? O ponto de partida será decisivo na chegada e, assim, definirá o modo de leitura das Escrituras.

Durante o Iluminismo e Racionalismo, a ideia de Jesus Cristo como Deus se tornou impossível. A grande sacada foi de que não se deveria enterrar uma pessoa viva, ironizando assim a crença na ressurreição. O que se destacou a partir de então foi a leitura de Jesus como um grande sábio, ressaltando sua virtude moral. Na

³¹ BRAKEMEIER, 2003, p. 74.

³² BRAKEMEIER, 2003, p. 74ss.

vivência da igreja isso significou a substituição da ideia de “Sacerdócio geral de todos os crentes” pelo sacerdócio geral de todos os virtuosos. O culto tinha como finalidade a formação e o doutrinamento como forma de fomento da virtude. Tudo aquilo que fosse aproveitável do conteúdo da fé seria captado racionalmente e se desdobraria na conduta pessoal. Deus passou a ser compreendido como aquele que protege com sua bondade as pessoas e as recompensa de acordo com as virtudes exercidas. A educação neste contexto se torna extremamente importante. Tornou-se o meio de possibilitar a maturidade do ser humano, portanto, sua autonomia. Nesse sentido, Jesus teria sido um precursor do próprio iluminismo. Ele não é o salvador, mas “arquétipo moral de vida divina a ser imitado e a religião nada mais do que um sistema moral fundado na imitação das virtudes de Jesus. Deus não desce em Jesus ao ser humano, mas o ser humano, dotado de livre-arbítrio e autonomia sobe a Deus”³³.

Essa dificuldade entre o Jesus histórico e o Jesus da fé atingiu fortemente a cristologia. No entanto, ela sempre se manterá atual, pois é perceptível que pela sua própria natureza, o aspecto da encarnação, deixa o Jesus e o Cristo numa constante tensão. Por isso, Lutero, já em seu tempo, afirmou sobre as Escrituras que sem a fé no Cristo o que sobra dela é apenas letra. Desdobrando isso, sem a fé atinge-se no máximo um Jesus histórico, do qual então não resta nada além de sabedoria e virtude. Por meio da razão é possível pensar acerca de Jesus. Mas a verdade é que Jesus, enquanto Cristo, não pode ser atingido por ela, mas simplesmente pela fé. Essa fé, por sua vez, é vivida e experimentada na igreja, enquanto corpo que se volta para o seu objeto. Exemplo disso é a resposta de Pedro “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” em Mateus 16.16. O próprio Jesus Cristo diz que essa afirmação somente é possível se revelado pelo próprio Deus, pela fé (v.17). Portanto, a tensão entre razão e fé sempre permanecerá, mesmo que elas não se contraponham.

Fato é que a cristologia necessita ser compreendida na tensão de seus dois polos: o Jesus histórico e o Cristo da fé.

Uma opção unilateral em direção ao Jesus histórico resulta no historicismo positivista ou no fundamentalismo bíblico. Contrariamente, uma opção unilateral pelo Cristo que ignora sua historicidade leva a uma

³³ WACHHOLZ, Wilhelm. Jesus: sábio ou Deus? Jesus Cristo: sábio e Deus. In: ARA-GÃO, Gilbraz; CABRAL, Newton; VALLE, Edênio (Orgs.). **Para onde vão os Estudos da Religião no Brasil?** Vol. 1. São Paulo: Anptecre, 2014, p. 87-107.

espiritualização que, geralmente, se manifesta no dualismo neoplatônico, que exalta a alma em detrimento do corpo.³⁴

O Jesus como Cristo precisa ser observado na sua revelação histórica, mas seu ser e a expressão de amor não se fundamentam na história, pois Ele é a Palavra eterna, Filho gerado, não criado. Isso torna compreensível a necessidade de que o movimento hermenêutico não se descole de cima, bem como permaneça embaixo. Dialeticamente eles precisam estar relacionados e unidos para que o significado e a pessoa de Jesus, enquanto Cristo, permaneçam fiéis à própria revelação divina.

Estar à direita de Deus não significa sua ausência da realidade. Aliás, Lutero, ao romper com uma compreensão meramente metafísica de Deus, insiste no fato que o Deus verdadeiro somente pode ser conhecido por meio do Cristo Crucificado. A Cruz é o lugar de revelação de Deus. Mas, paradoxalmente é lugar de sua ocultação. É véu, máscara, para sua autorrevelação. Assim, Deus se faz conhecer não de maneira imediata, mas mediada, de forma indireta. O que foge disso é mera especulação. Sua presença é contínua e se atualiza pelo agir do Espírito Santo: “O Espírito é o poder interior da viva voz do Evangelho (*a viva vox evangelii*) que pode ser ouvido em, com e sob a pregação da Igreja”³⁵.

Disso se conclui que Jesus Cristo não pode ser reduzido nem a um modelo moral, bem como não pode ser visto de modo meramente especulativo, distante. No primeiro caso, de um cristocentrismo se passaria a um antropocentrismo. No segundo, o perigo é a negação da humanidade do divino, ou seja, afirmar um Deus irrelevante e distante para a humanidade na sua história. Manter a tensão dialética se mostra necessário para que o ser de Jesus Cristo se mantenha fiel à sua revelação. Essa fidelidade fará toda diferença na interpretação das Escrituras. Somente nessa perspectiva é possível falar de uma hermenêutica cristocêntrica. Ela não permite uma leitura que caia em simples antropocentrismos, bem como não permite mera especulação metafísica com desprezo à materialidade.

6 JESUS CRISTO: CENTRO GRAVITACIONAL HERMENÊUTICO

Neste último ponto se tem como objetivo, a partir do que foi brevemente

³⁴ WACHHOLZ, 2014, p. 91.

³⁵ WACHHOLZ, 2014, p. 93ss.

exposto acima, lançar alguns indicativos de Jesus Cristo como centro gravitacional na tarefa hermenêutica. A preservação da tensão presente na cristologia, de Jesus Cristo como Sábio-Deus, é central ao se falar de Cristo como chave interpretativa. É ponto nevrálgico, centro gravitacional na hermenêutica que não pretende flutuar entre modismos. Gravidade é a força de atração que surge entre dois corpos, um central e outro passivo. Como aqui se pretende referenciar, gravidade seria a força nuclear central que mantém no lugar os corpos em torno de seu centro. A ausência de gravidade gera flutuação (caos), de eterno movimento, com o qual se passa a determinar, a partir de seu contexto e acaso, seu próprio ser.

Pannenberg, importante teólogo luterano do século XXI, identifica, a partir do hegelianismo de esquerda, essa ênfase antropológica que, em gradual acentuamento, determinou o fundamento sobre o qual as mais diferentes tendências se desenvolveram e influenciaram também a interpretação das Escrituras. Nem Deus, nem o Evangelho, ou ainda alguma espécie de absoluto é tido como fundamental para a compreensão do ser humano e do mundo, mas estes são reduzidos e transmitidos como uma experiência, entre muitas outras possíveis. Assim, é reforçada a crença no ser humano racional como agente provedor de todas as necessidades e como aquele que formula e reformula condições de ir além e instaurar um mundo justo e mais perto de um ideal³⁶. Neste contexto também as Escrituras passam a ser vistas somente como produto humano, gradual ou inteiramente despido de aspectos revelatórios. Mas, ao considerá-lo meramente produto histórico, mata-se o espírito, e se permanece somente com a letra. A letra pela letra se desdobra em caos e confusão; produz-se somente interpretação de ocasião.

É perceptível que a dificuldade com a cristologia gera hermenêuticas equivocadas. A falta de uma referência clara ao centro das Escrituras faz com que haja uma resignificação do que é dito. Mesmo essa resignificação não permanece, mas flutua de acordo com o acaso. Demonstração pura e simples da desconfiança de Deus, como diria Lutero. Para o reformador Deus se dá a conhecer por meio da sua Palavra. É inútil discutir sobre Ele sem a Palavra presente, Jesus Cristo, ou sem as formas que Ele se reveste, animadas e iluminadas pelo Espírito Santo. Essa Palavra, presente nas Escrituras, se encontra viva e dinâmica na igreja. É vocação desta, conduzir fielmente todo o corpo de Cristo numa leitura onde Ele permanece

³⁶ Para mais veja: SELL, Wilhelm. **Características da Condição Humana na Contemporaneidade**. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: Faculdades EST, 2009, p.13ss.

sendo centro gravitacional³⁷.

Pela própria tensão da cristologia, que se desdobra também nas Escrituras e a forma que pretensiosamente se apresenta na igreja e no mundo, encontra-se nelas um lugar de tentação. E é, conforme Lutero, no lugar de tentação que o ser humano honra a Deus, seu senhorio e reconhece Sua bondade. Dever-se-ia perguntar se a dissolução dessa tensão não seria tomar para si o **fruto** que gera conhecimento fora de Deus. Conhecimento que, por sua vez, não gera libertação, mas sempre novas alienações. O lugar de tentação é o lugar de culto a Deus. Esse culto externo é meio pelo qual o corpo se exercita na obediência e evita o mal³⁸. Segundo Lutero: “a origem e a parte essencial de toda tentação é esta: que a razão procura decidir por conta própria, sem a Palavra (Cristo), sobre a Palavra de Deus e sobre o próprio Deus”³⁹.

Como com todo evangelho apresentado por Deus à criação, também sua Palavra, quando alvo do olhar distorcido do velho Adão e da velha Eva, é cheia de defeitos, lacunas e deveras incômoda. É a vivência do ser humano que sob o signo da perda da justiça original passa a procurar justificativas para a própria existência diante de suas dúvidas existenciais como: de onde sou, quem sou e para onde vou. Os caminhos propostos são próprios e o que permanece é somente lei, portanto, significa também a perda da dinâmica de Lei e Evangelho⁴⁰.

Mas assim como após a queda, continuamente Deus persevera com o ser humano e o chama à reconciliação, insiste em sua vocação enquanto igreja e renova as esperanças que repousam nos méritos de Jesus Cristo. Como na dinâmica da criação por meio da Palavra todo caos é ordenado e tudo passa a existir, também Cristo, como Verbo presente nas escrituras, é o meio pelo qual todo o caos das escrituras e suas hermenêuticas sem gravidade encontram ordem e novamente seu núcleo gravitacional, criando e recriando vida.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Walter. **Lutero e Libertação**: releitura de Lutero em perspectiva latino-

³⁷ LUTERO, 2016, p. 79.

³⁸ LUTERO, 2016, p. 129-130.

³⁹ LUTERO, 2016, p.171.

⁴⁰ LUTERO, 2016, p.191.

- americana. 2ed. São Leopoldo: Sinodal, 2016, p.128-132.
- ASSOLARI, Ricardo. **A reinvenção da Tradição em Lutero**: contribuições a partir do pensamento de Lutero para a articulação da identidade luterana na alta modernidade. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: Faculdades EST, 2017.
- BONHOEFFER, Dietrich. **Ética**. São Leopoldo: Sinodal, 2009.
- BONHOEFFER, Dietrich. **Dietrich Bonhoeffer Werke**. Vol. 3: Shöpfung und Fall. Munique: Kaiser Verlag, 1991.
- BRAKEMEIER, Gottfried. **A Autoridade da Bíblia**: controvérsias, significado, fundamento. São Leopoldo: Editora Sinodal, CEBI, 2003.
- HOFFMANN, Martin. **La locura de la Cruz**. La teología de Martín Lutero: textos originales e interpretaciones. San José, Costa Rica: Editorial DEI, 2014.
- KORSCH, Dietrich. O centro das Escrituras. Uma sugestão de Martinho Lutero no contexto das interpretações modernas da Bíblia. In: SCHWAMBACH, Claus; SPEHR, Christopher. **Reforma e Bíblia**: estudos sobre a compreensão protestante da Escritura Sagrada na história e na atualidade. São Bento do Sul: União Cristã, Faculdade Luterana de Teologia, 2016.
- LOEWENICH, Walter von. **A Teologia da Cruz de Lutero**. São Leopoldo: Sinodal, 1988.
- LUTERO, Martinho. **Catecismo maior com explicações**. Porto Alegre: Editora Concórdia, 2016.
- LUTERO, Martinho. **Obras Selecionadas**: Interpretação Bíblica. vol.8. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2003.
- LUTERO, Martinho. Comentário de Gênesis. In: **Obras Selecionadas**. Vol. 12. São Leopoldo: Sinodal, 2016.
- McGRATH, Alister. **Teologia Sistemática, histórica e filosófica**: uma introdução à fé cristã. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.
- _____. **A gênese da doutrina**: fundamentos da crítica doutrinária. São Paulo: Vida Nova, 2015, p.127-156.
- SELL, Wilhelm. **Características da Condição Humana na Contemporaneidade**. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: Faculdades EST, 2009.
- WACHHOLZ, Wilhelm. O ser humano cooperador com Deus: ética cristã a partir dos dois regimentos e três estamentos na teologia de Martin Lutero. In: **Estudos Teológicos**. São Leopoldo, v. 57, n.1, jan.-jun. 2017, p. 14-29.
- _____. **História e Teologia da Reforma**: introdução. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2010
- _____. Jesus: sábio ou Deus? Jesus Cristo: sábio e Deus. In: ARAGÃO, Gilbraz; CABRAL, Newton; VALLE, Edênio (Orgs.). **Para onde vão os Estudos da Religião no Brasil?** Vol. 1. São Paulo: Anptecre, 2014, p. 87-107.
- WANKE, Roger Marcel. “As fraldas e a manjedoura na qual Cristo está deitado”: considerações sobre a hermenêutica veterotestamentária de Lutero. In: SCHWAMBACH, Claus; SPEHR, Christopher. **Reforma e Bíblia**: estudos sobre a compreensão protestante da Escritura Sagrada na história e na atualidade. São Bento do Sul: União Cristã, Faculdade Luterana de Teologia, 2016, p.11-38.
- WESTHELLE, Vitor. Igreja e Tradição: opções e obstruções ecumênicas. In: **Estudos Teológicos**. São Leopoldo, v. 45. n. 2, jul.-dez./2005.

